

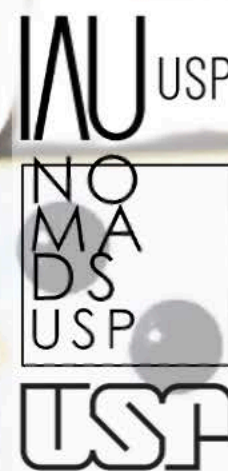
VIRUS

30

DIÁLOGOS
MULTILATERAIS
PRÁXIS
INTERLOCUÇÕES
CONFRONTAÇÕES

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH
REVISTA . JOURNAL
ISSN 2175-974X
CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
NOMADS.USP HABITARES INTERATIVOS
[HTTPS://REVISTAS.USP.BR/VIRUS](https://revistas.usp.br/virus)
DEZEMBRO 2025



DIÁLOGOS MULTILATERAIS: PRÁXIS, INTERLOCUÇÕES E CONFRONTAÇÕES

MULTILATERAL DIALOGUES: PRAXIS, INTERLOCUTIONS, AND CONFRONTATIONS

DIÁLOGOS MULTILATERALES: PRAXIS, INTERLOCUCIONES Y CONFRONTACIONES

EDITORIAL

- 001 DIÁLOGOS MULTILATERAIS: PRÁXIS, INTERLOCUÇÕES E CONFRONTAÇÕES
MULTILATERAL DIALOGUES: PRAXIS, INTERLOCUTIONS, AND CONFRONTATIONS
DIÁLOGOS MULTILATERALES: PRAXIS, INTERLOCUCIONES Y CONFRONTACIONES
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, LUCAS DE CHICO, ESTER GOMES, JOÃO PEREIRA, AMANDA SOARES

ENTREVISTA

- 005 O POVO NEGRO E UM DIÁLOGO SILENCIADO DE QUINHENTOS ANOS
BLACK PEOPLE AND A FIVE-HUNDRED-YEAR SILENCED DIALOGUE
EL PUEBLO NEGRO Y UN DIÁLOGO SILENCIADO DE QUINIENTOS AÑOS
CASIMIRO LUMBUNDANGA, MARCELO TRAMONTANO

ÁGORA

- 014 SOBERANIA E TECNODIVERSIDADE
SOVEREIGNTY AND TECHNODIVERSITY
SERGIO AMADEU DA SILVEIRA
- 024 CIDADES PARA QUEM? VIDA URBANA E CORPOS VULNERÁVEIS
CITIES FOR WHOM? URBAN LIFE AND VULNERABLE BODIES
ETHEL PINHEIRO, JACQUELINE KLOPP
- 042 PORTO, ENTRE DUAS PONTES: IMAGENS DE UM ESPAÇO EM TENSÃO
PORTO BETWEEN TWO BRIDGES: IMAGES OF A SPACE IN TENSION
JORDAN FRASER EMERY
- 063 AUTORIA DESCONHECIDA
AUTHOR UNKNOWN
MARTA BOGÉA, MARIANA VETRONE
- 082 CASO-EXPERIÊNCIA: DESAFIOS METODOLÓGICOS NA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA
CASE-EXPERIENCE: METHODOLOGICAL CHALLENGES IN THE CONTEMPORARY METROPOLIS
YURI PAES DA COSTA, EDUARDO LIMA, CARLOS MAGALHÃES DE LIMA
- 097 A PRODUÇÃO ESTATAL DO RISCO: HABITAÇÃO SOCIAL E VULNERABILIDADE A DESASTRES
STATE-PRODUCED RISK: SOCIAL HOUSING AND DISASTER VULNERABILITY
CATHARINA SALVADOR, THAMINE AYOUB, MILENA KANASHIRO

114	FINANCEIRIZAÇÃO DA HABITAÇÃO EM CONTEXTOS DE ECONOMIA COMPARTILHADA HOUSING FINANCIALIZATION IN SHARING ECONOMY CONTEXTS VINICIUS BARROS, ÉRICO MASIERO
128	HABITAR O COMUM: A POÉTICA URBANA EM LEFEBVRE E NA TEORIA DO COMUM INHABITING THE COMMON: URBAN POETICS IN LEFEBVRE AND IN THE THEORY OF THE COMMONS CAROLINA AKEMI NAKAHARA
142	PRIVATIZAÇÃO DOS PARQUES URBANOS E A PRODUÇÃO NEOLIBERAL DO ESPAÇO URBAN PARKS PRIVATIZATION AND THE NEOLIBERAL PRODUCTION OF SPACE ISABELLA SOARES, CLARICE DE OLIVEIRA
156	TOPOLOGIAS DO CUIDADO: DA CLAREIRA AO PARQUE EM PETER SLOTERDIJK TOPOLOGIES OF CARE: FROM THE CLEARING TO THE PARK IN PETER SLOTERDIJK BRÄULIO RODRIGUES
167	O DES-RE-HABITAR NO DESASTRE SOCIOAMBIENTAL EM MACEIÓ-AL THE DIS-RE-INHABITING IN THE SOCIO-ENVIRONMENTAL DISASTER IN MACEIÓ-AL WANDERSON BARBOSA, TAMYRES OLIVEIRA, ROSELINE OLIVEIRA
186	SOLOS URBANOS E AGRICULTURA ORGÂNICA: CONSERVAÇÃO E RESILIÊNCIA URBAN SOILS AND ORGANIC FARMING: CONSERVATION AND RESILIENCE LUCAS LENIN DE ASSIS
199	EDUCAÇÃO URBANÍSTICA E AMBIENTAL COMO CONTRIBUIÇÃO SOCIAL URBAN AND ENVIRONMENTAL EDUCATION AS A SOCIAL CONTRIBUTION LUIZA HELENA FERRARO, MARIANA PEREIRA, GISELLE ARTEIRO AZEVEDO
214	A PLURALIDADE EPISTÊMICA DO TERRITÓRIO NA CRÍTICA AO URBANOCENTRISMO THE EPISTEMIC PLURALITY OF TERRITORY IN THE CRITIQUE OF URBAN-CENTRISM ANGELA ELIAS DE SOUZA, CAIO GOMES DE AGUIAR
230	DADOS, GOVERNANÇA E OPACIDADE: POR UM DIREITO INFORMACIONAL À CIDADE DATA, GOVERNANCE, AND OPACITY: TOWARD AN INFORMATIONAL RIGHT TO THE CITY MARINA BORGES
241	INFÂNCIAS NA CIDADE: TENSÕES, DIREITOS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO CHILDHOODS IN THE CITY: TENSIONS, RIGHTS, AND INCLUSION PRACTICES SAMANTHA PEDROSA, ELIANE PEREIRA
255	FRAGMENTOS DO RIO NO XIX: A MISERICÓRDIA E SEUS LOGRADOUROS FRAGMENTS OF 19TH-CENTURY RIO: MISERICÓRDIA AND ITS THOROUGHFARES LETÍCIA CAMPANHA PIRES
266	A LINHA VERDE DE FRANCIS ALÿS: IMPERIALISMO E OS LIMITES DO SUL GLOBAL FRANCIS ALÿS' GREEN LINE: IMPERIALISM AND THE LIMITS OF THE GLOBAL SOUTH YURI TARACIUK
279	RACIONAIS MC'S: A CONSTITUIÇÃO DO NEGRO DRAMA COMO SUJEITO DE RESISTÊNCIA RACIONAIS MC'S: THE CONSTITUTION OF NEGRO DRAMA AS A SUBJECT OF RESISTANCE CEZAR PRADO
290	TECNOLOGIA VERNACULAR DAS MULHERES GUARANI MBYA E PATRIMÔNIO CULTURAL BIODIVERSO FEMALE GUARANI MBYA VERNACULAR TECHNOLOGY AND BIODIVERSE CULTURAL HERITAGE ANA LUIZA CARVALHO, DINAH DE GUIMARAENS

305	CORPOS DANÇANTES, ARQUITETURAS DO AXÉ: RITUAIS DE LAVAGEM EM PENEDO-AL DANCING BODIES, AXÉ ARCHITECTURES: WASHING RITUALS IN PENEDO-AL MARIA HEDUARDA VASCONCELOS, MARIA ANGÉLICA DA SILVA
319	O RETRATO ALÉM DO CÂNONE EUROPEU: REINVENÇÕES NA ARTE LATINO-CARIBENHA THE PORTRAIT BEYOND THE EUROPEAN CANON: REINVENTIONS IN LATIN-CARIBBEAN ART JOÃO PAULO DE FREITAS
329	A EXPOSIÇÃO REPASSOS E O MODERNO INTERESSE PELO POPULAR THE REPASSOS EXHIBITION AND THE MODERN INTEREST IN THE POPULAR ARIEL LAZZARIN, CARLOS MARTINS
352	DESAFIOS DIGITAIS EM ARQUITETURA E URBANISMO: VIDEOGAMES E PRAXIS PEDAGÓGICA DIGITAL CHALLENGES IN ARCHITECTURE AND URBANISM: VIDEO GAMES AND PEDAGOGICAL PRAXIS THIAGO RANGEL, ALINE CALAZANS MARQUES
370	DO OLHAR COLONIAL À VISUALIDADE DIGITAL: PAISAGEM, PODER E COLAPSO FROM COLONIAL GAZE TO DIGITAL VISUALITY: LANDSCAPE, POWER, AND COLLAPSE JAQUELINE CUNHA
383	ONTEM, O SEU FUTURO: A CIDADE EM QUE HOJE ME ENCONTRO YESTERDAY, YOUR FUTURE: THE CITY WHERE I AM TODAY SAMIRA PROÉZA

PROJETO

401	ENTRE IMAGENS E OBJETOS COMUNICÁVEIS: ESPAÇO EXPOSITIVO COMO MEDIAÇÃO CULTURAL BETWEEN IMAGES AND COMMUNICABLE OBJECTS: EXHIBITION SPACE AS CULTURAL MEDIATION ANA ELÍSIA DA COSTA, DANIELA CIDADE
417	ENSINO E EXTENSÃO: MELHORIAS HABITACIONAIS NO BAIRRO PEQUIS TEACHING AND OUTREACH: HOUSING IMPROVEMENTS IN THE PEQUIS NEIGHBORHOOD ROSSANA LIMA, NÁDIA LEITE, RITA DE CÁSSIA SARAMAGO, SIMONE VILLA

ÁGORA
AGORA

ONTEM, O SEU FUTURO: A CIDADE EM QUE HOJE ME ENCONTRO YESTERDAY, YOUR FUTURE: THE CITY WHERE I AM TODAY SAMIRA PROÊZA

Samira de Sousa Proêza é Arquiteta e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora no grupo Margear (UFBA). Desenvolve pesquisas no trânsito Brasil-Argentina, relacionadas a margens urbanas, feminismo e América Latina, a partir do eixo-corpo. ssproeza@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4544432939770445>

ARTIGO SUBMETIDO EM 10 DE AGOSTO DE 2025

Cunha, J. S. (2025). Do olhar colonial à visualidade digital: paisagem, poder e colapso. *VIRUS*, (30). Diálogos multilaterais: práxis, interlocuções e confrontações. 383-400
<https://doi.org/10.11606/2175-974x.virus.v30.239933>

Resumo

Neste ensaio fotográfico, sigo os rastros do documentário *Retiro: dos caras de un mismo barrio*, realizado em 1995 por alunos de uma escola da Villa 31, uma das margens urbanas mais emblemáticas da Argentina. Shirley, uma das moradoras antigas do bairro, é uma das autoras do documentário, que, produzido desde as margens, denuncia o contraste entre a Villa 31 e o bairro vizinho, registrando as bordas e os atritos em que essas duas cidades se encontram. Trinta anos depois, percorro e registro essas mesmas bordas. O objetivo é revisitar o território e estabelecer um diálogo com o documentário, afirmando os tensionamentos e a permanência do lugar diante das tentativas de apagamento. A metodologia envolve o caminhar e a fotografia como práticas corporificadas de investigação, capazes de articular temporalidades e produzir um diálogo entre o presente e o arquivo de 1995. O encontro entre imagens do passado e do presente revela camadas de sentidos, evidenciando como a luta se tornou cidade e o passado segue presente. O trabalho se vincula aos “Diálogos multilaterais: práxis, interlocuções e confrontações” ao aproximar tensionamentos e vozes diversas, revelar disputas entre diferentes modos de cidade e tecer pontes entre perspectivas e temporalidades, afirmando as margens como espaços de criação.

Palavras-chave: Disputa, Fotografia, Documentário, Margem urbana, Villa 31

1 Introdução

O documentário *Retiro: dos caras de un mismo barrio*, realizado em preto e branco, inicia-se com a imagem de um mapa da América Latina desenhado em um quadro escolar. Uma voz em *off* situa a cena: “Sou parte da América Latina. Para alguns, eternamente saqueada. Meu país é a Argentina e vivo na Capital Federal. Por mais que isso incomode a muitos, meu bairro é Retiro¹. Mais precisamente, a Villa 31 de Retiro” (Rebecchi, 1995, 00:01:26, tradução nossa²). A abertura anuncia não apenas uma localização geográfica, mas também uma posição política e afetiva, uma enunciação desde as margens (hooks, 2019) que desafia a cidade hegemônica³, afirmando um lugar de disputa.

O filme⁴ foi realizado por Shirley Bustinza e seus colegas em 1995, quando ela tinha apenas 17 anos. O trabalho foi desenvolvido de forma interdisciplinar por alunos de uma escola localizada na Villa 31, uma emblemática margem urbana⁵ em Buenos Aires, Argentina. Todos os autores do documentário eram, e ainda são, moradores do bairro comprometidos com sua comunidade que, àquela época, enfrentava sérias ameaças de remoção por parte do Estado, sendo mais uma investida de apagamento que, ao longo da história da Villa 31, se tornou recorrente. Shirley é uma das interlocutoras da pesquisa de doutorado que desenvolvo, intitulada *Viajar-mundos na Villa 31: as migrações latino-americanas femininas nas*

¹ Retiro é o bairro da cidade onde a Villa 31 foi se estabelecendo. Na época do documentário, a 31 ainda não era oficialmente reconhecida como bairro, como ocorre hoje, e muitos registros continuavam a mencioná-la como parte de Retiro – denominação também usada por alguns moradores, sobretudo os mais antigos.

² Do original em espanhol: “Soy parte de Latinoamérica. Para algunos, eternamente saqueada. Mi país es la Argentina y vivo en la Capital Federal. Por más que eso moleste a muchos, mi barrio es Retiro. Más precisamente, la Villa 31 de Retiro.”

³ Refiro-me aqui à cidade hegemônica, àqueles territórios que concentram poder político, econômico, simbólico e institucional. São espaços socialmente valorizados, reconhecidos como legítimos e desejáveis, onde se definem as normas, as estéticas e as práticas urbanas consideradas “oficiais” ou “adequadas”, que acumulam investimentos públicos e privados, concentram infraestrutura e serviços e são também os lugares em que se produzem os discursos que estigmatizam ou marginalizam outras partes da cidade.

⁴ O documentário *Retiro: dos caras de un mismo barrio* foi realizado pelos alunos da Escuela de Educación Media N° 06 - Padre Carlos Mugica que, na época, cursavam Estudos Sociais Argentinos (Estudios Sociales Argentinos). Na ordem em que aparecem nos créditos do vídeo, tem-se: Shirley Bustinza, Martín Cardoso, Víctor Castillo, Nicolás Echave, Daniel Molloja, Elsa Oño, Patricia Pedernera, Claudia Zalazar e David Zenteno. A direção ficou a cargo do professor Néstor Rubén Rebecchi, em colaboração com Jorge Bachur. E está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=fyMgRqz7ExU> (acessado em agosto de 2025). Todo o texto aqui apresentado baseia-se no conteúdo desse documentário.

⁵ Em diálogo com Rosa (2018), o conceito de margens urbanas é explorado a partir dos estudos de Agier (2017), Das e Poole (2004) e Feltran (2008), que nos fornecem uma base teórica sólida para compreender as complexas dinâmicas das periferias urbanas. Estas referências, entre outras, contribuem para a construção de uma análise mais rica e multifacetada das situações urbanas periféricas. Em vez de reduzir esses espaços a simples territórios de exclusão ou ausência, busca-se evitar as visões dicotômicas tradicionais, como dentro/fora, legal/ilegal, formal/informal, que muitas vezes limitam a compreensão da diversidade e complexidade presentes nestas áreas.

dobras do corpo e da cidade, atualmente em fase de conclusão na Universidade Federal da Bahia. A investigação é construída em diálogo com mulheres migrantes que habitam a Villa 31 e que, com suas narrativas e trajetórias (Kofes, 2001), permitem entrever os cruzamentos entre experiências de migração feminina em situação de vulnerabilidade (Kowarick, 2002) na América Latina e os processos de fazer-cidade (Agier, 2015) nas margens urbanas. A vivenda é um dispositivo importante nesse processo, uma âncora com o lugar-outro, o novo território no qual as mulheres reconstróem suas vidas e tecem pertencimentos.

Shirley mudou-se da Bolívia para a Villa 31 ainda criança, aos sete anos, e acompanhou o território tomar forma após um intenso processo de remoção, acolher inúmeras famílias em busca de um lar, consolidar-se como bairro, adensar-se e, posteriormente, ser atravessado por um intenso processo de urbanização. Seu corpo carrega e encarna as transformações, participando ativamente da feitura do lugar. Desde nossos primeiros diálogos, ela demonstra uma compreensão profunda das mudanças e dos conflitos que atravessam a Villa 31. No nosso último encontro, no final de 2024, ela me contou com surpresa que havia reencontrado recentemente um material de intensa expressividade estética e força política – o documentário que ajudou a construir há trinta anos. As imagens capturam o cotidiano do bairro com coragem e sensibilidade, transformando-se em um registro valioso de um tempo e de uma luta, e direcionam, como um fio condutor, este ensaio.

Assim, esta escrita inscreve-se na chave “Diálogos multilaterais: práxis, interlocuções e confrontações” ao dialogar com tensionamentos desde as margens urbanas, revelando disputas entre diferentes modos de cidade e tecendo pontes entre distintas espacialidades e temporalidades, consolidando as margens como espaços de criação e resistência. Tal inserção não se estabelece apenas como um enquadramento teórico, mas como um gesto metodológico, estético e político que busca articular imagens, corpos e memórias que habitam o território. O audiovisual e a fotografia emergem, neste contexto, como espaços de mediação e expressão dos conflitos que compõem a vida urbana – um modo de ver e de narrar a cidade desde dentro, desde aqueles que a habitam e a fazem existir.

2 O território de disputa: A Villa 31

A Villa 31 é uma das margens urbanas mais antigas e disputadas da Argentina, fazendo-se bastante presente no imaginário da cidade de diversas maneiras. O território é atravessado cotidianamente por partidos políticos, estudantes, ONGs, turistas, entre outros atores. Segundo Maria C. Cravino (2010), trata-se de um dos casos mais emblemáticos de políticas públicas marcadas por contradições, omissões e violações de direitos por parte do governo. A sua localização (Figura 1) é uma variável bastante determinante para a sua história, uma vez que sua ocupação começou em terras residuais situadas entre grandes equipamentos de infraestrutura de transporte – como as vias de trem e o porto da cidade – na parte central de Buenos Aires, ao lado de bairros de alto valor de solo, como Retiro, Puerto Madero, Barrio Norte e Recoleta. Localizada também junto a uma importante infraestrutura de transporte de diversas escalas, a Villa 31 encontra-se em uma das principais zonas de conexão metropolitana, com importantes estações de trem e metrô, inúmeras linhas de ônibus e, em escala nacional e internacional, próxima ao terminal rodoviário intermunicipal e internacional. Todas essas características espaciais fazem dessa zona uma das mais interessantes ao mercado imobiliário, aos meios de comunicação e ao Estado.

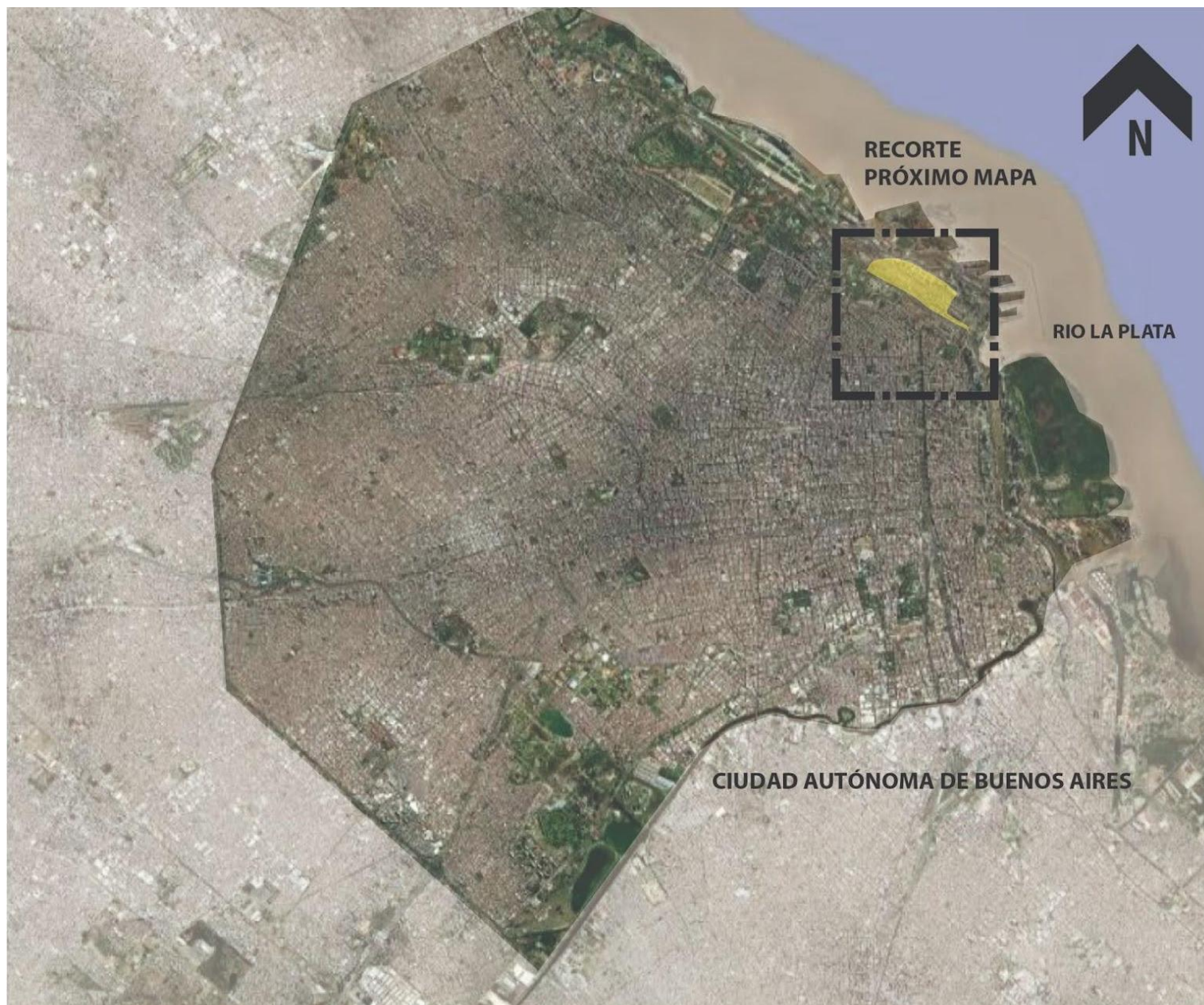


Fig. 1: Localização da Villa 31 em relação à Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Fonte: Mapa do Google Maps com anotações da autora, 2025.

As primeiras bases da Villa 31 foram lançadas com a formação de um território de ancoragens urbanas (Agier, 2017) a partir de deslocamentos em escala transatlântica. Sua origem remonta às migrações europeias, com a chegada de trabalhadores imigrantes, principalmente italianos e poloneses, por volta de 1930. Muitos desses imigrantes trabalhavam no porto como diaristas e usavam vagões desocupados da região como alojamento. No início do processo de industrialização das grandes cidades, começaram a acontecer migrações internas entre os países da América do Sul e as províncias mais pobres da própria Argentina, enquanto, em paralelo, o fluxo de europeus começava a diminuir. Atualmente, a maior parte da população é oriunda da migração intracontinental, principalmente do Paraguai, da Bolívia e do Peru, ou da região norte do país.

Ao longo de sua história, os moradores da Villa 31 enfrentaram sucessivas tentativas de desocupação forçada, resistindo coletivamente a projetos que buscavam apagar suas presenças, memórias e modos de vida. Durante a ditadura, o bairro foi praticamente removido, mas ressurgiu com mais força nas décadas seguintes, assumindo novos contornos. Em contraponto às diversas ofensivas e tentativas de apagamento, os moradores do bairro construíram uma trajetória potente de organização popular, luta por direitos e reinvenção cotidiana do espaço urbano. Assim, o território ocupa um lugar de destaque na disputa pelo direito à cidade (Lefebvre, 2001) na Argentina, consolidando-se como um bairro múltiplo, diverso e profundamente enraizado na dinâmica urbana de Buenos Aires.

Separados do restante da cidade por linhas de trem e grandes equipamentos urbanos, os moradores da Villa 31 compartilham com os bairros vizinhos de Retiro e Recoleta não apenas fronteiras físicas bem demarcadas, mas também barreiras sociais, culturais, estéticas e simbólicas profundamente enraizadas (Figura 2). O contraste é abismal, uma vez que a paisagem, a trama urbana e a estética revelam duas cidades que coexistem em tensão permanente, uma contraposição que o documentário denuncia de maneira contundente.



Fig. 2: Localização da Villa 31 em relação ao entorno imediato. Em rosa a zona de fricção e contraste abordada no documentário. Fonte: Mapa do Google Maps com anotações da autora, 2025.

3 O documentário: duas caras de um mesmo bairro

O documentário realizado por Shirley e seus colegas representa uma resposta poética, precisa e enfática a uma das tentativas de desocupação promovidas pelo Estado que estava sendo cogitada na época. Contudo, o vídeo vai além, pois reage também à indiferença e estigmatização sofridas pelos moradores, às investidas recorrentes do poder público, à

constante tentativa de apagar o bairro, à ausência de direitos urbanos da população local e à profunda desigualdade entre a Villa 31 e os bairros vizinhos. A obra se inscreve como um gesto potente de afirmação desde as margens, demonstrando como a criação de narrativas próprias e encarnadas se torna uma ferramenta de embate. Por meio das imagens, do roteiro e das escolhas linguísticas, o filme denuncia os processos de apagamento e projeta outras possibilidades de existência para o território, reconhecendo sua história, seu presente em conflito e seus futuros possíveis. Como nos lembra bell hooks (2019, p. 309): “A linguagem também é um lugar de luta”. Neste caso, a linguagem audiovisual, construída de forma colaborativa, registra e expressa, simultaneamente, os conflitos e as potencialidades presentes naquela configuração situada.

Após a cena de abertura, o vídeo apresenta uma sequência de imagens do bairro de Retiro, marcado pela presença de grandes empresas, sedes de multinacionais e monumentos de inspiração europeia. O cenário contrasta, de forma evidente, com a paisagem da Villa 31, acentuando as assimetrias urbanas, históricas e simbólicas que atravessam o território, reforçando a tensão entre espaços vizinhos, mas profundamente desiguais. A narração que acompanha as imagens é intensa: “Trabalho e estudo. Não sou ladrão nem traficante. Isso eu sei, sou pobre. A você que não é e que pensa que comigo não tem nada a ver, queria dizer que temos algo em comum: seu pai é meu patrão” (Rebecchi, 1995, 00:02:01, tradução nossa⁶). Estas palavras interpelam diretamente aqueles que são considerados os dominadores, evidenciando as conexões entre mundos, que, à primeira vista, parecem distantes e desconectados. Como argumenta hooks (2019, p. 310): “Muitas vezes, quando uma voz radical fala de dominação, estamos falando com aqueles que detêm o poder. A presença dos dominadores muda a natureza e a direção das nossas palavras”.

Cabe ressaltar aqui que A Villa 31 é um território marcado por múltiplas migrações, tanto internas, quanto transnacionais. Pessoas de diferentes países latino-americanos assim como de províncias argentinas constroem cotidianamente o bairro. Essa construção se dá tanto no plano material – nas vivendas autoconstruídas, nas reformas, nas vendas ambulantes, nos espaços públicos e no comércio local –, quanto no plano cultural e simbólico, manifestando-se na diversidade das línguas faladas, nas festas, na culinária e nas práticas religiosas que atravessam o cotidiano local. É como se o bairro de Retiro, assim como grande parte da cidade hegemônica, representasse uma Argentina com referência europeia. Já a Villa 31 seria uma dobra (Deleuze, 1991) do continente, uma América Latina dentro da própria América Latina. E não só isso: seria a América Latina racializada e pobre. E, embora convivam lado a lado, ambos os lados se contrapõem intensa e dolorosamente. Há um trecho do documentário que expressa bem a ambivalência: “O Retiro que se oculta, que se nega. O Retiro ao qual se exclui. Este é o meu bairro. Estamos tão perto, mas nos consideram tão longe” (Rebecchi, 1995, 00:04:50, tradução nossa⁷). Ao mesmo tempo em que o narrador conta como se sente em relação à cidade como um todo, as imagens em paralelo mostram a proximidade física e, simultaneamente, a profunda diferença entre os dois mundos que coexistem lado a lado.

Na continuação do documentário, após um breve histórico que contextualiza os processos de formação e resistência da Villa 31, as imagens nos conduzem a um dos espaços de cuidado mais simbólicos do bairro: a Instituição *Bichito de Luz*, na qual a infância ganha protagonismo, crianças brincam, educadoras conversam, e uma rotina afetiva e comunitária se destaca. Trata-se de uma instituição que marcou a infância de muitos moradores e moradoras, inclusive de alguns dos realizadores do filme. Nas palavras do narrador:

Para nós, esta é a famosa Creche Bichito de Luz, fechada durante o processo militar. Ela também conhece lutas e ressurgimentos. Por ali, passaram muitos de nós e começamos a socializar para

⁶ Do original em espanhol: “Trabajo y estudio. No soy chorro, ni traficante. Eso sé, soy pobre. A vos que no lo sos y que pensás que conmigo no tenés nada que ver, te quería decir que tenemos algo en común. Tu viejo es mi patrón”.

⁷ Do original em espanhol: “El Retiro que se oculta, que se niega. El Retiro al que se excluye. Este es mi barrio. Estamos tan cerca, los consideran tan lejos”.

nos inserir em uma sociedade que, em sua maioria, nos rejeitou. Mas *bichito*, como nós, não abaixa os braços. (Rebecchi, 1995, 00:14:54, tradução nossa⁸).

Em seguida, o documentário nos leva à escola do bairro, outro espaço fundamental para a formação de vínculos, saberes e pertencas. A escolha de mostrar as instituições educativas não é casual, uma vez que evidenciam a vitalidade do território, a importância das redes de cuidado e como a Villa 31 se auto-organiza para garantir a vida e o futuro de seus habitantes, apesar das constantes incertezas impostas pelas políticas públicas. Ao destacar esses lugares de formação, o documentário inscreve a infância como parte essencial da memória coletiva e a educação como campo de disputa simbólica e política. Nessa sequência do vídeo, o narrador introduz um verbo fundamental: “E, na nossa escola, como em outras escolas, também festejamos o Dia do Estudante. Como podem ver, não somos tão diferentes” (Rebecchi, 1995, 00:29:15, tradução nossa⁹). O verbo “festejar” é destacado como um gesto que rompe com os estereótipos de carência e violência que costumam estar associados às margens. Deste modo, a festa se apresenta como uma prática cotidiana que reafirma os vínculos comunitários e demonstra que eles não são tão diferentes dos estudantes da outra parte da cidade.

Para além de registrar e comentar a vida cotidiana do bairro, a escolha de focar na creche e na escola carrega uma forte carga simbólica, pois aponta para o futuro e revela que os moradores não apenas ocupam aquele espaço, mas também projetam sua continuidade, imaginando novas trajetórias possíveis. Produzido em meio às incertezas de uma nova tentativa de erradicação da Villa 31, o documentário ganha ainda mais força e urgência nessa perspectiva. Como aponta Ana Clara T. Ribeiro (2010, p. 32): “O sujeito corporificado tomara, portanto, o teatro da vida em suas mãos, opondo-se à sua desmaterialização em papéis repetitivos, em imagens reiterativas e em modelos de cidade (e de urbanidade) que o excluem”. Assim, os espaços da creche e da escola surgem como fissuras que ultrapassam o presente encerrado no discurso de erradicação. São lugares nos quais as pessoas vão além da resistência – brincam, se encontram, aprendem e se divertem, inventando futuros, afirmando a vida e seu território e abrindo brechas para outras possibilidades de cidade.

O documentário é tão potente, pois fala a partir das margens, afirmando-as como “lugares de abertura e de possibilidades radicais” (hooks, 2019, p. 323). A afirmação do presente que projeta o futuro vai além da simples luta pela sobrevivência, tratando-se do que Paulo Freire (1992) chama de *esperança*; isto é, uma esperança ativa que não aguarda passivamente mudanças, mas as constrói no aqui e agora, como potência vital capaz de criar mundos – e cidades – possíveis, mesmo diante de deslocamentos forçados. Neste sentido, cabe uma citação na íntegra de Michel Agier:

Nesses lugares que parecem ser de “fora” mas estão exatamente na fronteira, os gestos de ajustamento, de enredamento, de bricolagem ou de montagem, seguram o conjunto heterogêneo e inventam as cidades nos âmbitos material, social e cultural, ancorando-as na desordem do presente e no equilíbrio instável entre imposições e recursos, rechaços e desejos, margens e centralidades. (Agier, 2017, p. 425, aspas do autor)

Retorno, então, ao início do documentário de Shirley e à escolha precisa das primeiras imagens: a câmera se posiciona exatamente na fronteira da Villa 31, onde todos se cruzam – moradores antigos, recém-chegados, migrantes, filhos e netos de migrantes, e, também, aqueles considerados estrangeiros ao bairro, os que estão de passagem. A escolha de enquadramento e de narrativa recai sobre a borda – espaço em que as duas faces da cidade se tocam e as diferenças coexistem. Ao mostrar este ponto de contato, o filme revela um território marcado tanto pelo conflito, quanto pela convivência, pela separação e pelo fluxo. A borda surge, assim, como lugar de disputa e encontros possíveis, no qual o cotidiano segue em movimento, com seus cruzamentos sutis, tensões e reconfigurações.

⁸ Do original em espanhol: “Para nosotros, esta es la famosa guardería Bichito de Luz, cerrada durante el proceso militar. También conoce de luchas y resurgimientos. Por allí pasamos muchos de nosotros y comenzamos a socializarnos para insertarnos en una sociedad que mayoritariamente nos rechazó. Pero bichito, como nosotros, no baja los brazos”.

⁹ Do original em espanhol: “Y en nuestra escuela, como en otras escuelas, también festejamos el Día del Estudiante. Como verán, no somos tan distintos”.

4 A fotografia enquanto diálogo entre passado e futuro

O percurso metodológico deste ensaio aciona o caminhar e a fotografia como dispositivos de encontro entre diferentes temporalidades. O documentário guia meus passos pela cidade, é ele que me conduz até a cidade de Shirley e de seus amigos, orientando meu corpo e meu olhar para a cidade de hoje a partir da cidade de ontem. Ao revisitar as imagens produzidas há trinta anos e retornar aos mesmos espaços, a pesquisa assume uma posição corporificada e situada (Haraway, 1995) como prática metodológica e política, e, nesse gesto, produz novas imagens. Neste sentido, a fotografia se torna um modo de diálogo e de tradução e de fazer coexistirem corpos, memórias e tempos distintos. Traduzir, aqui, não significa substituir um tempo por outro, mas tecer pontes entre as diferentes experiências do espaço, produzindo uma linguagem comum entre o passado e o presente, entre a cidade de Shirley e a cidade que hoje se desenha. A tradução é entendida, seguindo a perspectiva de Maria Lugones (2021), como uma prática afetiva e insurgente, sendo, pois, um movimento que não busca equivalências, mas a criação de vínculos entre mundos diversos. Além disso, as imagens, atravessadas por múltiplas camadas de presença, configuram uma prática de afirmação da cidade de Shirley e, ao mesmo tempo, uma história potencial, no sentido proposto por Ariella Azoulay (2023, p. 70): “uma forma de estar com outros, vivos e mortos, através do tempo; contra a separação entre passado e presente, entre pessoas colonizadas e seus mundos e posses, entre história e política”.

Assim, as imagens que compõem este ensaio registram e afirmam as bordas da Villa 31 como lugar de disputa, um território onde duas cidades se tocam, se confrontam e, por vezes, coexistem. Mas, além disso, elas constituem um diálogo temporal e político: as bordas, capturadas em 1995 pelas lentes de Shirley e seus colegas, revelam os conflitos e contradições de uma cidade que buscava apagar o bairro, tensionando o presente daquela época e reivindicando outras possibilidades de futuro. Já as bordas capturadas hoje mostram um território que permaneceu e, ao mesmo tempo, se transformou. Nesse percurso, não busco reproduzir exatamente os mesmos ângulos e enquadramentos, mas reencontrar as referências arquitetônicas e urbanas – agora atravessadas por camadas de tempo – que os levaram a olhar, deter-se, registrar e refletir naquele momento. Nos dois momentos, ontem e hoje, as bordas continuam a expor o conflito persistente entre duas cidades justapostas. E o encontro das imagens, distantes no tempo, mas sobrepostas no espaço, convida à reflexão sobre as permanências e as mudanças que marcam o território, evidenciando múltiplas camadas que nele se inscrevem, se renovam e resistem. Portanto, não busco a comparação entre o que foi e o que é, mas a possibilidade de coexistência entre diferentes tempos e experiências urbanas a partir da imagem do presente, que por sua vez, abre possibilidades de futuro.

5 As bordas das 31 três décadas depois

Trinta anos depois, retorno às bordas registradas em 1995, guiada pelos rastros e marcas deixados nas imagens do vídeo, percorrendo as ruas e avenidas pelas quais Shirley e seus colegas caminharam. Ao sair do metrô, como primeiro impulso, caminho pela cidade dos hotéis, sedes de empresas e bancos, entre edifícios de vidro que refletem o céu e monumentos que se erguem como símbolos de poder. As fachadas espelhadas devolvem uma imagem polida, fria e sóbria da cidade (Figura 3). Diante de certos pontos, praças, esquinas, prédios, os imagino ali, trinta anos antes, ocupando aquele mesmo espaço, tão próximos de casa e, ainda assim, diante de um abismo, no contraste entre o cotidiano em que vivem e a paisagem que se desdobra à sua frente. Imagino-os jovens e deslocados diante desse abismo, mas esperançosos, com uma centelha de desobediência que se manifesta no documentário.

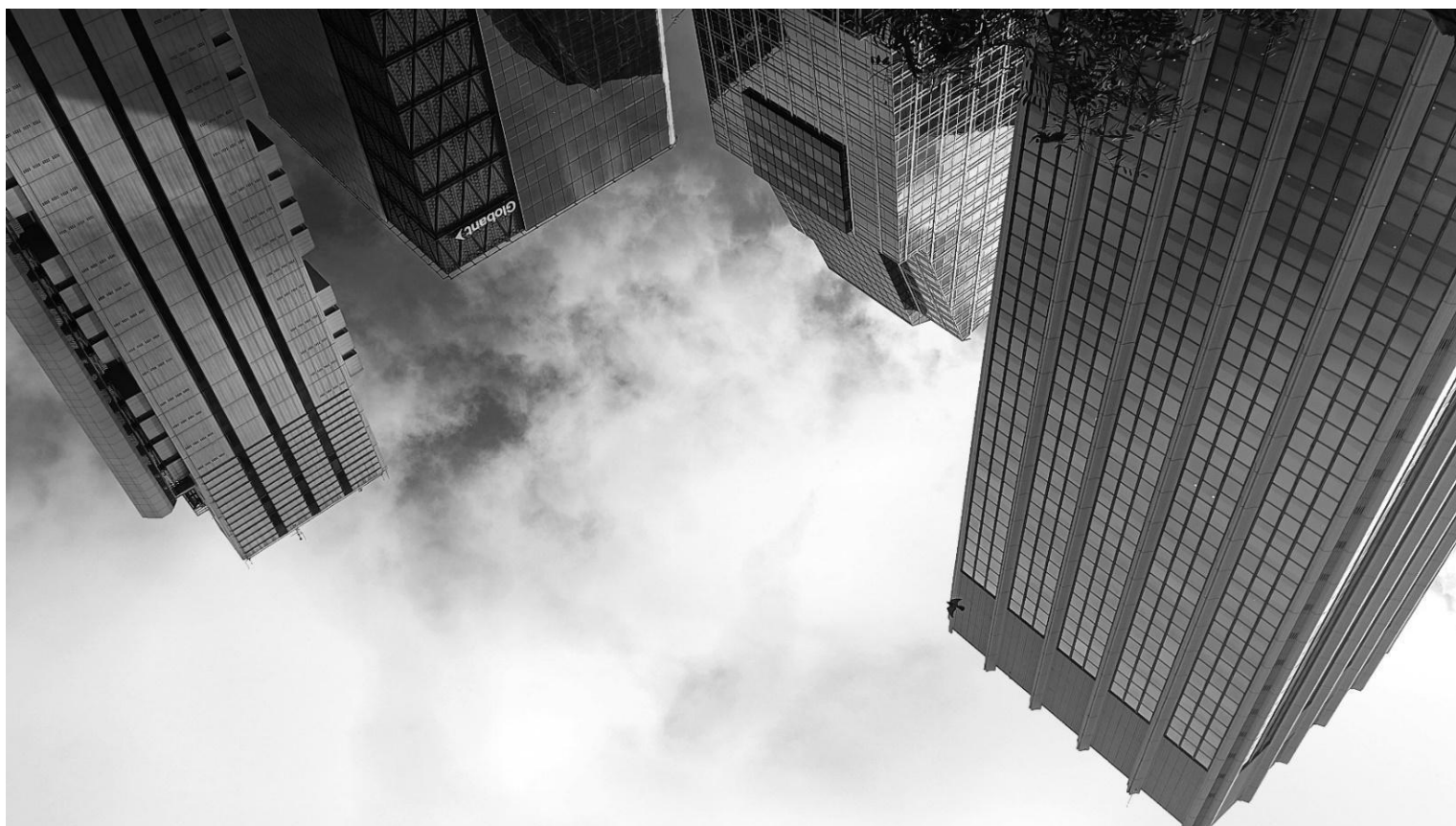


Fig. 3: Edifícios do bairro de Retiro. Fonte: Samira Proêza, 2025.

A maioria das empresas e hotéis que eles registraram continua ali (Figuras 4, 5 e 6), embora agora cercada por prédios mais altos e mais translúcidos, que alteram a escala e a luz do lugar. Os monumentos também permanecem: a torre monumental, inaugurada em 1916 (Figura 7), continua igual; a estátua equestre na Praça San Martín (Figura 8) ainda ocupa um lugar de destaque. No começo, confundo-me com o cavalo, desviando o olhar para outra escultura (Figura 9), até que, por acaso, reencontro aquele exato do vídeo, e, por um instante, é como se os tempos se sobrepusessem. Em outro momento, me surpreendo encontrando uma referência do vídeo que permanece bastante parecida. Trata-se de uma construção, agora em venda, que funcionava como um restaurante com o letreiro “Assador Criollo” (Figura 10), que escapa da estética daquele local, como se estivesse sido esquecido ali.



Fig. 4: Hotel Sheraton e edifícios recentes. Fonte: Samira Proêza, 2025.

392



Fig. 5: Edifícios do bairro de Retiro, com empresas. Fonte: Samira Proêza, 2025.



Fig. 6: Empresa Samsung e guas. Fonte: Samira Proêza, 2025.



Fig. 7: Torre monumental, inaugurada em 1916. Fonte: Samira Proêza, 2025.



Fig. 8: Estátua equestre monumento a San Martín (1862) com Kavak ao fundo. Fonte: Samira Proêza, 2025.

Depois, dirijo-me à entrada da Villa 31, passando pela calçada e pelo terminal rodoviário, que aparece com destaque no vídeo (Figuras 11 e 12), acompanhada pelas palavras do narrador: “Meu bairro apresenta lugares comuns, espaços onde as pessoas se misturam e, ao se misturarem, não se diferenciam, embora também não se conectem. Onde a maioria pensa que não há nada a compartilhar” (Rebecchi, 1995, 00:03:01, tradução nossa¹⁰). O terminal é um dos acessos do bairro, ali sento e observo este espaço de mistura, esta zona de transição na qual os fluxos se cruzam sem se encontrarem plenamente, até que meus passos finalmente me levam para dentro da Villa 31.

¹⁰ Do original em espanhol: “Mi barrio presenta lugares comunes, espacios donde los hombres se mezclan y al mezclarse no se diferencian, aunque tampoco se contactan. Donde la mayoría piensa que nada hay que compartir”.



Fig. 9:
 Estátua equestre e edifícios espelhados de Retiro.
 Fonte: Samira Proêza, 2025.



Fig. 10:
 Asador Criollo.
 Fonte: Samira Proêza, 2025.



Fig. 11: Imagem desde o Terminal Rodoviário de Buenos Aires. Fonte: Samira Proêza, 2025.

396



Fig. 12: Imagem desde o Terminal Rodoviário de Buenos Aires. Villa 31 em primeiro plano, hotel Sheraton no fundo. Fonte: Samira Proêza, 2025.

O encontro com a Villa 31 (Figuras 13, 14, 15 e 16) evidencia um novo cenário: os moradores conquistaram o direito de permanecer, o bairro vive um processo intenso de urbanização, e a borda entre as duas cidades se transforma, com o Estado agora investindo na área e buscando dissolver as divisões existentes, pois o discurso oficial evoluiu de erradicação para integração. As moradias estão muito mais consolidadas do que no vídeo. E o Ministério da Educação ergue-se como marco dessa nova etapa, ao lado de ruas pavimentadas, redes de serviços e fachadas renovadas. No entanto, sob a superfície das melhorias, persistem tensões que não se deixam apagar. A população local segue com um perfil sociocultural distinto do entorno imediato, apartada do imaginário urbano dominante e em permanente tensão com o projeto de cidade que se busca consolidar.



Fig. 13: Campo de futebol da Villa 31. Fonte: Samira Proêza, 2025.



Fig. 14: Tipo de edificação recorrente na Villa 31. Fonte: Samira Proêza, 2025.

398



Fig. 15: Perfil da Villa 31. Fonte: Samira Proêza, 2025.

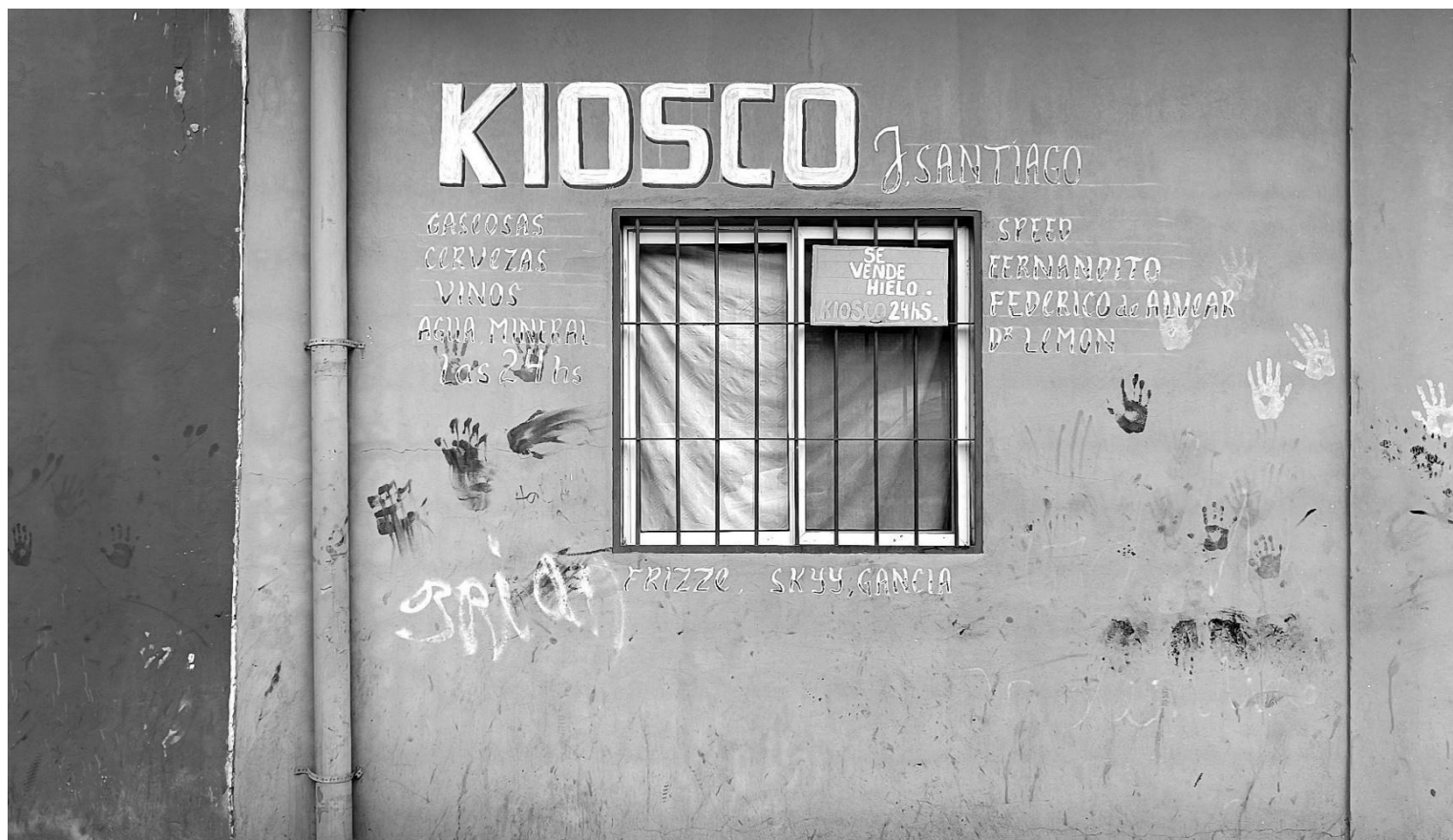


Fig. 16: Letreiro de comércio na 31, totalmente destoante com Retiro, No documentário aparecem vários como esse. Fonte: Samira Proêza, 2025.

6 Considerações finais

Diversas vezes caminhei por essas ruas do ensaio ao longo dos últimos anos, acompanhando suas transformações na paisagem e reconhecendo nelas gestos cotidianos. No entanto, olhar para a cidade através do filtro do documentário revelou surpresas que não poderiam ser acessadas de outra forma. Para tanto, as imagens de Shirley funcionaram como uma espécie de lente-tempo, permitindo que eu percebesse detalhes, movimentos e rastros antes invisíveis ao olhar familiar. O deslocamento do olhar – entre o que já conhecia e o que o documentário me fez ver – transformou também a experiência do caminhar, convertendo-a em uma prática de escuta e de redescoberta do território e em certa forma de habitar o encontro. Por isso, a partir das imagens que seguem, proponho um convite a olhar a cidade desde as interlocuções e confrontações que insistem e resistem nas entrelinhas.

O documentário também operou como uma lente potente, pois me permitiu acessar a cidade a partir de uma posição contra-hegemônica e radical – um olhar que emerge das margens e se sustenta nelas. Revisitar os percursos de Shirley tornou-se, pois, um gesto político e afetivo de reinscrição, não para medir distâncias, mas para reconhecer as continuidades, as fissuras e as fricções que compõem o território e a cidade. A Villa 31 não desapareceu como se temia no documentário. Pelo contrário: continuam sendo tecidos vínculos, erguidas casas e travadas disputas narrativas. A cidade que hoje se orgulha de urbanizar esse território é a mesma que, no passado, tentou apagá-lo. É justamente nesse intervalo, nessa contradição histórica, que a força das bordas se reafirma como espaço de memória, resistência e possibilidade radical. A estética e a paisagem do bairro permanecem em intenso contraste com o entorno, mas agora se mostram mais densas e verticalizadas, afirmando-se com presença na paisagem urbana.

Shirley também continua habitando o mesmo lugar, agora junto ao marido e aos filhos, e sua presença encarna o resultado de uma disputa, pois ela ficou, permaneceu quando tantos queriam que fosse embora e resistiu aos deslocamentos forçados e às promessas de uma cidade melhor que, na prática, a excluiria. Como complementa Ribeiro (2010, p. 32): “ao desafiar controles da experiência urbana e a burocratização da existência, alcança o direito à definição de sua forma de aparecer e

acontecer”. Shirley permaneceu e aconteceu – e com ela também permaneceu um modo de viver, de ocupar e de construir cidade desde as bordas. Ela continuou imaginando futuros que, por sua vez, são cidades no presente, germinando cidades do futuro. É nesse entretempo que me coloco agora: no ponto de encontro entre o que foi embate, o que agora é cidade e o que ainda está por vir.

Referências

Agier, M. (2015). Do direito à cidade ao fazer-cidade: O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, 21(3), 483–498. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>

Agier, M. (2017). Onde se inventa a cidade do amanhã? Deslocamentos, margens e dinâmicas das fronteiras urbanas. In J. Gledhill, M. G. Hita, & M. Perelman (Orgs.), *Disputas em torno do espaço urbano: Processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade* (pp. 411–426). EDUFBA.

Azoulay, A. (2023). *História potencial: Desaprender o imperialismo* (R. Bettoni, Trad.). Ubu Editora.

Cravino, M. C. (2010). Política. In J. Castro & J. Fernández (Orgs.). *Barrio 31 Carlos Mugica – Possibilidades y límites del proyecto urbano en contextos de pobreza*. Editorial Instituto de la Espacialidad Humana, UBA.

Das, V., & Poole, D. (2004). *Anthropology in the margins of the state*. School of American Research.

Deleuze, G. (1991). *A dobra: Leibniz e o Barroco* (L. B. L. Orlandi, Trad.). Papius.

Feltran, G. (2008). *Fronteiras de tensão: Política e violência nas periferias de São Paulo*. Editora Unesp/CEM/CEBRAP.

Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (Notas: A. M. A. Freire). Paz e Terra.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7–41.

hooks, b. (2019). *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. Elefante.

Kofes, S. (2001). *Uma trajetória, em narrativas*. Mercado de Letras.

Kowarick, L. (2002). Viver em risco: Sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. *Novos Estudos*, 63, 9–29.

Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. Centauro.

Lugones, M. (2021). *Peregrinajes: Teorizar una coalición contra múltiples opresiones*. Buenos Aires: Del Signo.

Rebecchi, N. R. (Diretor). (1995). *Retiro: Dos caras de un mismo barrio* [Documentário]. Escuela de Educación Media Nº 06 - Padre Carlos Mugica. Documentário realizado pelos alunos Shirley Bustinza, Martín Cardoso, Víctor Castillo, Nicolás Echave, Daniel Molloja, Elsa Oño, Patricia Pedernera, Claudia Zalazar e David Zenteno. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fyMgRqz7ExU> (acesso em agosto de 2025).

Ribeiro, A. C. T. (2010). Dança de sentidos: Na busca de alguns gestos. In P. B. Jacques & F. D. Britto (Orgs.), *Corpocidade: Debates, ações e articulações*. EDUFBA.

Rosa, T. T. (2018). Pensar por margens. In P. B. Jacques & M. Pereira (Orgs.). *Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I – Modos de pensar* (pp. 176–204). EDUFBA.